
As Ocupações Periféricas Pelo Viés Cultural no Jornalismo Independente³⁰

Peripheral Occupations Through Cultural Bias in Independent Journalism

Mariana LIMA³¹
Maira MARIANO³²

RESUMO

O artigo analisa a representação de espaços ocupados em periferias distintas da cidade de São Paulo no jornalismo independente. As produções são estudadas com base no método da Análise de Conteúdo (AC) para examinar as escolhas narrativas e o papel atribuído aos personagens em ambos os textos de forma a validar se este modelo de jornalismo atua para promover a quebra dos estereótipos que cercam o ato e a população que ocupa.

PALAVRAS-CHAVE

Ocupações culturais; jornalismo independente; Análise de Conteúdo; Bardin; Heloiza Herscovitz.

ABSTRACT

This article analyses the representation of occupied spaces in the different outskirts of the city of São Paulo in independent journalism. The journalistic productions are studied based on the methods of Content Analysis (CA) to examine the narrative choices and role assigned in both texts in order to validate whether this model of journalism acts to promote the breaking of stereotypes that surround the act and the population it occupies.

KEYWORDS:

Cultural occupations; independent journalism; Content Analysis; Bardin; Heloiza Herscovitz.

³⁰ Este estudo é proveniente do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Universidade São Judas de São Paulo (USJT).

³¹ Recém-graduada em Jornalismo na Universidade São Judas de São Paulo (USJT), e-mail: maris.lima56@gmail.com

³² Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de Comunicação da Universidade São Judas de São Paulo (USJT), e-mail: maira.mariano@saojudas.br

INTRODUÇÃO

O jornalismo independente vem ganhando destaque nos últimos anos. São veículos que atuam sem as restrições de patrocinadores ou sob os interesses de grandes famílias donas de meios de comunicação. É deste cenário que iniciativas como a Agência Mural e a Ponte Jornalismo surgem como referência para o jornalismo profissional.

O presente artigo analisa duas reportagens publicadas nos veículos citados que abordam a temática da ocupação atrelada ao aspecto “cultural” em regiões periféricas da cidade de São Paulo. Ao ato de “ocupar”, principalmente quando relacionado a grupos de trabalhadores sem-terra ou sem-teto, é atribuído uma conotação negativa, mas nos conteúdos analisados é ressignificado de forma a permitir que os personagens apresentados transgridam suas posições de marginalidade.

Para validar a base argumentativa, o artigo trabalha com a metodologia da Análise de Conteúdo (AC), linha que permite uma análise aprofundada do objeto de estudo (SANTOS, 2009, p. 5). A AC, de acordo com Bardin (1977, p. 14), trabalha com a observação dos aspectos simbólicos e polissêmicos que se escondem por trás do discurso a ser desvendado. Desta forma, funciona como uma importante aliada para a compreensão da produção jornalística ao possibilitar uma observação minuciosa entre o significado aparente de um texto e os aspectos implícitos (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

A MARGEM PERIFÉRICA

As regiões periféricas na cidade de São Paulo se estabelecem não apenas por uma divisão geográfica, mas também por uma divisão social e cultural. Para Nascimento (2010, p. 112) a periferia só pode ser compreendida em oposição ao centro, pois o que falta em um existe em abundância no outro. Apesar da popularização de diversas centralidades, a classe trabalhadora e de baixa renda continua a ser empurrada para as margens da cidade.

Na realidade brasileira, residir na periferia significa viver sob a ausência do Estado e de equipamentos urbanos que promovam o acesso à saúde, educação, cultura e lazer (NASCIMENTO, 2010, p. 112), sob a negligência dos órgãos públicos e em situação de vulnerabilidade. A imposição para uma condição de marginalidade social coloca as

manifestações artísticas e culturais periféricas – criadas pela comunidade em resposta à ausência do poder público – em um patamar considerado inferior aos das produções de regiões mais ricas, tidas como detentoras da “verdadeira arte”.

Para exemplificar o quadro, pode-se observar a produção e o consumo da literatura no Brasil. A periferia ocupa um “não lugar” na literatura por ser um território construído e formado por classes mais baixas, por vezes, sem estudo e formação característicos das classes mais altas. A literatura sempre foi colocada como uma produção e hábito de classe, mas não para estas populações que beiram à inexistência (SILVIA, 2016, p. 15).

A questão é observada na representatividade literária. De acordo com a pesquisa *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004* (DALCASTAGNÈ, 2011), realizada com base na análise de 258 obras, os autores brasileiros são, em sua maioria, brancos (93,9%) e homens (72,7%), com diploma superior (78,8%). Esse perfil também serve de espelho para suas personagens. O cenário começa a sofrer alterações na década de 1990 com a literatura periférica, movimento que ganha força nas periféricas de São Paulo impulsionado pela obra “Cidade de Deus” (1997), de Paulo Lins. Segundo Coronel (2009), a periferia passa a ter voz, ainda que encontre as portas fechadas para o mercado editorial hegemônico e tenha seu alcance, dentro e fora da periferia, limitado.

O livro de Lins é livro de periferia sobre a periferia, o que significa muito em termos de uma cidadania cultural que se afirma por parte de alguém que provém de um meio historicamente à margem até mesmo do consumo de literatura. [...] Em meio a tantas exclusões, emerge a literatura de Paulo Lins. A voz da periferia nitidamente invadia a cena cultural nacional, rompendo com um isolamento histórico [...], mas a cidadania literária continuava praticamente inacessível aos moradores do morro (CORONEL, 2009, p. 2-3).

Contudo, nas reportagens analisadas, a produção cultural periférica é apresentada como personagem principal da cena. Em diferentes contextos, as reportagens mostram como, mesmo com poucos recursos, as populações periféricas suprem a necessidade do fazer artístico e buscam garantir o direito à literatura (CANDIDO, 2004, p. 172), ao validar suas produções independente dos padrões qualitativos em vigor entre a parcela mais rica da sociedade. Candido (2004, p. 184) argumenta que a literatura e o lazer, por exemplo, são elementos fundamentais para a sobrevivência humana, uma vez que a falta destes recursos pode “mutilar a personalidade do indivíduo”.

A abordagem observada nos conteúdos jornalísticos analisados existe por ser produzida dentro de veículos independentes, que nasceram nas periferias ou que sabem como compreendê-las. A construção da informação por um viés humanizado dialoga com a proposta de cada veículo, permitindo uma interpretação genuína das ocupações.

As ocupações, principalmente no contexto urbano atual, podem ser compreendidas como uma “cidade clandestina, dormitório, informal, invisível e saqueada”, em que as pessoas “sequer figuravam como humanos, muito menos como sujeitos de direito à propriedade”. É desta forma que a escritora e militante dos movimentos de sem-terra, Helena Silvestre³³, definiu as ocupações em entrevista³⁴.

A fala de Silvestre revela a força motriz das ocupações expostas nas reportagens analisadas. Por meio de uma sequência narrativa intrínseca, ambos os conteúdos revertem a ordem estabelecida pelos estereótipos em relação às populações que ocupam, para dar voz às suas subjetividades, deixando a ocupação como um personagem adjacente.

AGÊNCIA MURAL

A Agência Mural de Jornalismo das Periferias surgiu em 2010 como um blog hospedado no site da *Folha de S. Paulo*. A iniciativa tem como objetivo produzir notícias das periferias de São Paulo apuradas e escritas por moradores destas regiões – sendo eles estudantes de jornalismo ou jornalistas formados.

Desde o surgimento, a proposta da Mural era publicar reportagens que contemplassem populações que não estariam em um jornal como a Folha sem ser para escancarar suas tragédias. Ou que não teriam a prática do consumo de grandes jornais fora do eixo televisivo. Em 2015, se consolidou como uma agência independente, tornando-se uma referência para o jornalismo local.

³³ Silvestre entrou para a militância aos 13 anos. Apesar de não ter uma educação formal, seguiu com o aprendizado de forma autodidata, possibilitando a publicação do livro *Notas sobre a fome* (2019, Sarau do Binho), em que utiliza da autoficção para relatar episódios da sua vida, desde a infância em uma favela do ABC Paulista [Mauá] à luta por moradia.

³⁴ MARTÍNEZ, A. Desigualdades na distribuição da terra urbana no sul global: Entrevista com Helena Silvestre sobre o caso de São Paulo. Land Portal, 3 mai. 2010. Disponível em: <https://landportal.org/pt/blog-post/2021/02/desigualdades-na-distribui%C3%A7%C3%A3o-da-terra-urbana-no-sul-global-entrevista-com-helena>. Acesso em: 15 set. 2020.

Nos últimos anos, a Agência Mural conseguiu desenvolver outros produtos jornalísticos que facilitaram a aproximação com o seu público-alvo, como a produção de vídeos interativos e podcasts informativos, fáceis de serem compartilhados por WhatsApp. O jornalismo independente acaba por exercer um papel de combate às desigualdades ao promover uma diminuição dos desertos de notícias que ainda tornam o acesso à comunicação de qualidade escasso no país.

PONTE JORNALISMO

A Ponte Jornalismo surgiu em 2014 em resposta a uma insatisfação com a cobertura sobre segurança pública realizada pelo jornalismo tradicional, principalmente no Estado de São Paulo. As inquietações de 16 jornalistas ganharam corpo na linha editorial adotada pelo veículo.

Buscando promover uma cobertura sobre segurança pública pela perspectiva do respeito aos Direitos Humanos, levando fatores como o racismo em consideração, a Ponte trabalha com quatro eixos temáticos em suas reportagens: raça, gênero, prisões e cultura. Por ter uma equipe pequena, o veículo permite a publicação de conteúdos elaborados por colaboradores externos em caráter voluntário.

Nesta conjectura, jornalistas e estudantes podem produzir reportagens e enviar para a equipe editorial da Ponte, que, ao analisar e encontrar um conteúdo que dialogue com os valores editoriais do veículo, mostrando um processo de apuração transparente, poderá publicá-lo. Neste cenário, apesar da reportagem analisada não ter sido produzida pela equipe fixa da Ponte, sua produção condiz com seus valores editoriais ao abordar a resistência periférica em meio a uma ocupação cultural, que desafia o Estado, o qual não oferece o acesso ao lazer e, ao mesmo tempo, não permite que a periferia crie localidades de bem-estar.

METODOLOGIA

Para entender como os dois veículos independentes, alvos desta análise, abordam os espaços ocupados na periferia, o artigo trabalha com a análise de duas reportagens: *Ocupação com 4 mil famílias tem criança poetisa e curso para mulheres*, publicada no dia 11 de julho de 2018 no portal da Agência Mural; e *Ocupação cultural na zona leste de SP é espaço de resistência periférica*, publicada em 1 de junho de 2019 no site da Ponte Jornalismo.

As reportagens são observadas com base na definição de Herscovitz (2007, p. 127) sobre a análise de conteúdo no jornalismo: “[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens [...] encontrados na mídia [...] com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos”.

Com o objetivo de alcançar uma melhor compreensão das reportagens, o artigo não adota o modelo estabelecido por Bardin (1977) de forma rígida. Prezando adaptações do método, dois aspectos pontuados na obra de Bardin e defendidos por Herscovitz serão aplicados de forma conjunta para a análise das reportagens: a utilização da Análise de Conteúdo (AC) no aspecto quantitativo – para a contagem da frequência de objetos nos conteúdos – e qualitativo – para avaliar o material implícito, partindo do sentido mais amplo dos textos, do contexto, dos meios em que são veiculados e do público a que se destinam (HERSCOVITZ, 2007, p. 127).

Os elementos apresentados nas reportagens dialogam com a proposta da análise das relações (BARDIN, 1977 *apud* LIMA; RAMOS; PAULA, 2019, p. 135), que se constrói por meio da quebra da casca delimitante dos significantes – a informação mais superficial do conteúdo – para explorar os significados que justificam as ligações entre a construção da narrativa.

AS OCUPAÇÕES NA NARRATIVA

As reportagens analisadas trabalham com a questão da ocupação de formas distintas, apesar de serem publicadas em veículos independentes que buscam destacar aspectos de noticiabilidade que fogem das mídias tradicionais. O jornalismo independente, principalmente aquele focado nas periferias, atua para dar voz às classes e grupos que sofrem com a marginalização e os estereótipos estabelecidos pelo jornalismo tradicional, que tende a subestimar a capacidade das populações fora do eixo central, classificadas como minoritárias e vulneráveis (MARTINI, 2018, p. 58).

A observação dos objetos de estudo permite uma leitura complementar, uma vez que, em ambas as reportagens, o direcionamento para a interpretação que se pretende alcançar do leitor começa a ser trabalhado a partir dos títulos e se reforça por aspectos da narrativa, como as construções de frases e desenvolvimento das personagens.

Na reportagem da Agência Mural, a palavra ocupação no título é acompanhada de dois elementos textuais que visam destacar as peculiaridades do espaço que está sendo retratado (criança poetisa e curso para mulheres). Na reportagem da Ponte Jornalismo, o adjetivo cultural aliado ao “periférica” indica o caráter da ocupação e a motivação para a sua existência, trazendo a noção da luta de direitos em regiões marginalizadas.

Contudo, somente a reportagem da Ponte Jornalismo apresenta uma linha fina – elemento jornalístico que complementa o título com uma síntese do fato noticiado. No caso, a linha fina destaca o movimento responsável pela ocupação e as atividades que ocorrem no espaço desde o seu surgimento em 2014. A linha fina da Ponte reúne elementos apontados no título da reportagem da Agência Mural, que destaca as atividades que ocorrem na ocupação, deixando o caráter cultural implícito. A inexistência da linha fina na Agência Mural é uma característica do veículo e não se limita à reportagem analisada.

É possível notar, ainda pelo título, a emergência do ato de ocupar em ambas as reportagens. Como argumenta Pereira (2018, p. 5), a ocupação cultural surge da escassez do Estado e da falta de comunicação com a gestão dos poucos equipamentos culturais existentes nas periferias. Nestes espaços, as ações sociais e culturais ganham contornos políticos por funcionarem como uma resposta a lacuna ignorada pelo poder público.

Apesar da Ocupação Marielle Franco³⁵, apresentada pela Agência Mural, ter o caráter da luta por moradia, a reportagem destaca o papel cultural e de lazer que o espaço exerce em uma região periférica. A questão é reforçada pela construção do conteúdo, que utiliza o tom descritivo para guiar o leitor pelos espaços da ocupação.

De forma a apresentar uma visão do funcionamento do local, a perspectiva proposta permite notar semelhanças entre a ocupação e um pequeno bairro periférico, com a sua própria estrutura e associação de moradores. Embora faltem paredes sólidas, a reportagem mostra que a população da ocupação não vive à parte da sociedade. A questão é ressaltada quando o texto informa que, apesar de quatro mil famílias ocuparem o espaço, nem todos moram no terreno.

³⁵ Marielle Franco foi vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL entre 2017 e 2018. No dia 14 de março de 2018, ela foi assassinada junto com o motorista Anderson Gomes, após sair de um evento. O carro em que estavam foi alvejado com 13 tiros.

Existe uma integração entre quem reside na ocupação e a população de fora, como se fosse um adendo ao distrito do Grajaú, extremo sul da cidade, onde estava localizada.

O conteúdo da reportagem da Mural também abre espaço para outra discussão: os papéis de gênero nas ocupações de moradias e a predominância das mulheres nestas organizações. As mulheres neste sistema apresentam um histórico de vivência nas periferias ou em habitações informais, tornando a luta por moradia uma questão que não se limita ao abrigo, significando também a proteção física em si (HELENE, 2019, p. 957).

À vista disso, a construção da reportagem da Agência Mural é peculiar pelo viés apresentado e fundamentado pelas personagens e, até mesmo, pelo próprio nome da Ocupação em referência à vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco. A nomeação é apresentada no início do texto e retomada no final, como se fechasse um ciclo dentro da narrativa. Todo o texto trabalha com base em linhas defendidas pela vereadora, como os direitos da população LGBTQ+ e das mulheres. São as histórias dos personagens que pautam a reportagem.

No caso da produção da Ponte Jornalismo, não se tem o mergulho nos personagens ou a sensação de estar sendo guiado pela ocupação. A construção da narrativa segue uma linha mais protocolar. Equilibra as falas dos entrevistados que têm uma ligação direta com o funcionamento da Ocupação Cultural Mateus Santos, na Zona Leste, e as descrições do local e eventos passados, relacionados aos problemas legais que envolvem a permanência do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, responsável por administrar as atividades no local.

O texto não aprofunda nenhuma peculiaridade ou história das personagens, mas elenca os fatos em uma narrativa concisa. Embora tenha a predominância de um conteúdo mais direto, a reportagem trabalha para quebrar a visão de que a ocupação cultural é coisa de “vagabundo”, um argumento utilizado por quem ataca o espaço.

O direcionamento nesta linha é observado por meio das construções de frases, que, assim como na reportagem da Agência Mural, não utilizam adjetivos depreciativos ligados à palavra ocupação. Os aspectos positivos são reforçados a todo momento por construções que mostram a potência do trabalho realizado e as consequências da desassistência do Estado. A reportagem busca apresentar o espaço para o leitor que não o conhece, pontuando suas principais características.

Em ambas as reportagens é destacado que os espaços ocupados, sendo eles um terreno ou um prédio, estavam abandonados e não cumpriam função social³⁶. No caso da reportagem da Agência Mural, a questão é abordada pela descrição do terreno e o relato dos entrevistados, enquanto o texto da Ponte Jornalismo pontua a questão ao destacar os impasses com a prefeitura.

O PAPEL DAS PERSONAGENS

Bardin (1977) estabelece os personagens como uma das categorias para construir a AC, juntamente com os conceitos que agregam. Nas reportagens analisadas, as personagens têm pesos distintos, mas são elementos fundamentais para a sua produção.

Na reportagem da Agência Mural são apresentadas quatro personagens que dialogam com as propostas da vereadora Marielle Franco e estabelecem o perfil que se quer construir da ocupação. A primeira a ser apresentada é uma menina de nove anos, Ana Beatriz, que faz uso dos espaços de leitura criados no terreno para escrever poemas.

O aspecto cultural da ocupação, que se classifica como um movimento de moradia, é reforçado pela segunda personagem, Maria de Jesus, uma senhora que não mora na ocupação, mas frequenta o espaço para ter acesso às oficinas realizadas no local. Por meio do relato dela, a integração da ocupação com a região ao redor é exposta de forma humanizada.

As duas últimas entrevistadas são um casal LGBTQIA+, Daniela e Graciele, que está voltando da escola da filha. A descrição desta circulação dos personagens exemplifica como as pessoas que habitam a ocupação continuam exercendo outros papéis na sociedade. A apresentação do casal dialoga com os valores de atuação da vereadora homenageada pela ocupação, sendo que a segunda – e última – citação à Marielle vem do casal, fechando o ciclo iniciado no lead do texto.

A reportagem apresenta histórias diversas para sustentar a narrativa, pontuando as peculiaridades do espaço. Os intertítulos da reportagem fazem referência direta às personagens, ao tom de suas falas e suas relações com a ocupação. Quando Ana Beatriz é apresentada, o

³⁶ De acordo com o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (Lei 16.050/2014), os proprietários de imóveis e terrenos ociosos (propriedade urbana) devem cumprir uma função social (MONROY; ALMEIDA, 2020).

intertítulo a caracteriza como poetisa. O trecho dedicado a Maria de Jesus se chama “apoio entre mulheres”, em referências às oficinas colaborativas; enquanto Daniela e Graciele são inseridas na narrativa como “um casal de respeito”, fazendo referência à luta da causa LGBTQIA+. É uma divisão marcada, mas que estabelece uma coerência entre os três atos do texto.

Na produção da Ponte Jornalismo, as personagens que compõem o texto são apresentadas de forma protocolar, sem muitas descrições sobre suas trajetórias. As falas utilizadas apenas reforçam o papel de resistência da Ocupação, conversando com o tom mais noticioso da reportagem. Enquanto a reportagem da Ponte Jornalismo utiliza de forma sutil a narrativa jornalística humanizada, a reportagem da Agência Mural é caracterizada por ela.

Para Alves e Sebrian (2008, p. 2), a essência do fazer jornalístico se estabelece pelas ações humanas e as movimentações sociais que realizam. De acordo com os autores, o jornalismo humanizado não se limita a usufruir dos recursos literários, mas a valorizar os personagens que são os responsáveis por oferecer uma perspectiva diferenciada, revelando a essência humana do texto por meio de suas ações.

Ainda assim, a reportagem da Ponte explora os personagens ao apresentá-los de forma a destacar a formação e atuação de cada um como professor, pesquisador ou escritor para mostrar as suas qualificações numa tentativa de trazer legitimidade ao ato de ocupar. Ao contrário da reportagem da Mural, a reportagem da Ponte não trabalha apenas com um gênero para as fontes ouvidas. Entretanto, existe uma predominância de mulheres apresentadas ao longo do conteúdo – três mulheres e apenas um homem.

Os personagens são pessoas que dedicam seu tempo voluntariamente, sem verbas ou apoios externos, para manter as atividades. A reportagem vai destacando a situação com citações dos entrevistados, que ressaltam a importância do espaço como referência cultural. A narrativa consegue trabalhar com a empatia do leitor, sem necessariamente se pautar de forma exclusiva pelos personagens.

O tom da reportagem é de crítica aberta ao Estado que ataca o espaço, mas oferece poucas opções de lazer e cultura na região em que a ocupação está inserida. O texto, em seu caráter implícito, argumenta que os entrevistados são obrigados a ocupar o local para sanar a

lacuna deixada pelo poder público. Apesar de não entrevistar nenhum frequentador, o texto constrói um panorama da relevância do espaço, criado a partir da resistência da população local.

O USO DA IMAGEM E DO SOM

Os elementos visuais colaboram com a interpretação dos conteúdos analisados, uma vez que a fotografia no jornalismo é marcada pela intencionalidade do repórter (RODELLA, 2009, p. 1048). Para Boni (2000 *apud* RODELLA, 2009, p. 1049), o fotojornalismo permite uma tradução da realidade para quem não presenciou o ocorrido. As fotografias analisadas cumprem este papel ao exprimir um fragmento da realidade construída na reportagem, dialogando com os valores dos repórteres responsáveis.

De acordo com Boni e Arcosi (2006, p. 129), as fotografias funcionam como um signo, tendo apenas um significante, ou forma, mas que permitem a atribuição de diversos significados ou conteúdos. Desta maneira, a fotografia no jornalismo assume um caráter polissêmico, permitindo uma variedade de sentidos e interpretações.

A reportagem da Agência Mural apresenta um maior uso da fotografia e de elementos de áudio. As personagens que dão corpo à reportagem são fotografadas na ocupação realizando ações que colaboram com a forma como são apresentadas ao longo do texto jornalístico. No total, são três fotografias. Cada uma se refere a um ato narrativo da reportagem.

Todas as imagens são compreendidas através das suas cargas conotativas – a forma metafórica que o significado denotativo, ou suas descrições, recebe – e subjetivas, que se referem ao sentido individual e psicológico (BONI; ARCOSI; 2006, p. 129). Ao analisar o conjunto destes elementos é possível construir a relação entre a imagem e o texto.

Na primeira fotografia, a menina “poeta” é mostrada lendo um gibi da Turma da Mônica, descrito por ela na reportagem como o responsável por despertar o seu gosto pela leitura. Ela está de pé, vestindo um casaco preto e com um rabo-de-cavalo prendendo o cabelo. Na fotografia, podemos ver um móvel de madeira com livros escolares em suas prateleiras. Três bonecas, uma pequena caixa de som e um pote de batatas chips compõem a imagem. Ao redor de tudo está uma lona preta e branca.

Observando os elementos da imagem, a narrativa da reportagem ganha novos contornos. Apesar de trazer o relato da menina, a fotografia oferece um fragmento da realidade encarada

por ela. Outro elemento que auxilia nesta composição é o áudio. Em pouco mais de um minuto podemos ouvir a voz de Ana Beatriz recitando um de seus poemas. A junção destes elementos torna a menina mais real e estabelece um peso maior ao texto.

Na fotografia seguinte, a senhora Maria de Jesus é retratada com um sorriso, oferecendo um contraste à história difícil que relatou à reportagem. Com um casaco roxo e seus cabelos completamente brancos, Dona Maria se destaca na fotografia, que, de fundo, tem a movimentação da ocupação, a terra batida e os matos entrecortados. A fotografia fundamenta o papel atribuído a ela no texto.

A última imagem da reportagem apresenta o casal Daniela e Graciele. Elas posam em frente ao barracão que coordenam na ocupação, no qual é possível ver o G11 – identificação do grupo – pintado de branco na lona vermelha. De roupas cinzas, o casal inter-racial encara a câmera. Enquanto Daniela oferece um sorriso contido, Graciele exibe um sorriso aberto.

Quando se tem apenas as histórias e frases pontuais do personagem, o leitor pode encarar a narrativa com distanciamento, mas a construção da reportagem junto com as fotografias e o áudio tornam esse universo mais palpável. Em todas as fotografias apresentadas na reportagem, apesar das personagens posarem para as fotos, é possível observar a tradução do cenário dos acontecimentos para o leitor, uma vez que o repórter busca revelar de forma fidedigna o que presenciou com os próprios olhos (BONI, 2000 *apud* RODELLA, 2009, p. 1049).

Como já foi pontuado, a reportagem da Ponte Jornalismo segue um direcionamento de caráter mais noticioso. Assim, a única imagem apresentada na reportagem ilustra o primeiro parágrafo em tom descritivo do texto. A fotografia revela diversos elementos abordados na reportagem, com destaque para o nome da ocupação e quadros que parecem ter sido pintados por membros do Movimento que administra o espaço.

A imagem oferece apenas um fragmento dos elementos que formam a ocupação. O uso escasso do recurso fotográfico impede uma compreensão mais detalhada dos objetos descritos ao longo da reportagem. O pouco material visual pode ser resultado do espaço delimitado oferecido no portal da Ponte ou por falta de registros da repórter. Por ser um texto direto, as fotografias poderiam permitir um mergulho no conteúdo apresentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocupações apresentadas neste artigo dialogam com a resistência das regiões periféricas da cidade de São Paulo. A necessidade de suprir as lacunas deixadas pelo poder público, tanto no âmbito cultural como habitacional, reforçam o peso da atuação comunitária. O papel do jornalismo independente acaba por dialogar com as propostas das ocupações ao focar nos problemas que motivam a existência destas movimentações.

O artigo estabelece uma observação micro deste universo e de suas relações. Entender as escolhas narrativas dos repórteres e dos veículos possibilita a construção de um novo olhar sobre as ocupações. O aspecto cultural, raramente observado na mídia tradicional, é o ponto central das reportagens que destacam a relevância dos espaços ocupados para as comunidades do entorno.

As reportagens analisadas tratam de uma temática conhecida da abordagem jornalística, de forma que os receptores já registram uma breve noção de suas conjunturas, mesmo que sem aprofundamento. Neste cenário, as reportagens trabalham com as questões do imaginário do público externo às ocupações através de técnicas narrativas que humanizam estes espaços para alcançar quem vive fora das regiões marginalizadas e, ao mesmo tempo, quem reside nos extremos e desconhece a realidade das ocupações. Os princípios da Agência Mural exemplificam essa busca pelo público periférico para que ele compreenda a sua própria periferia, segundo Talarico (2021, p. 175-179), um dos jornalistas responsáveis pela criação da agência.

Queríamos que as ideias vindas da quebrada tivessem relevância na sociedade. Em especial com relação aos preconceitos sobre os moradores pobres, com o qual sempre convivemos. [...] Os princípios são, mais que tudo, um convite para retornar à essência do jornalismo de boa qualidade, que é fiel aos cidadãos ao retratar suas diferentes realidades e que promove, pela exatidão da informação, a relevância de seu papel.

A potência das vozes que compõem as reportagens reforça a linha construída nas narrativas ao colocarem o ato de ocupar, seja um terreno ou prédio, como um elemento adjacente, entregando o destaque às atividades e movimentações que os espaços promovem. Esse olhar exposto nas reportagens existe por ser uma prática do jornalismo independente, que permite o desenvolvimento de uma cobertura de pautas e perspectivas que fogem da mídia tradicional e monopolizada.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. A. SEBRIAN, R. N. N. Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2008, Guarapuava. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BONI, P. C. ACORSI, A. R. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. **Líbero**, São Paulo, ano 9, n. 18, p. 127-137, dez. 2006.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CORONEL, L. P. A voz do outro: a literatura de periferia na cena urbana contemporânea. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2009.
- DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13-71, 2011.
- HELENE, D. Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. **Cad. Metrôpole**, São Paulo, v. 21, n. 46, p. 951-974, dez. 2019.
- HERSCOVITZ, H. Análise de Conteúdo em Jornalismo. *In*: LAGO, C; BENETTI, M. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LERAY, W. Ocupação com 4 mil famílias tem criança poetisa e curso para mulheres. **Agência Mural de Jornalismo das Periferias**. 11 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/habitacao-no-grajau-ocupacao-com-4-mil-familias-tem-crianca-poetisa-e-curso-para-mulheres/>
- LIMA, V. M. do R.; RAMOS, M. G.; PAULA, M. C. de. (Orgs). **Métodos de Análise em pesquisa Qualitativa**: releituras atuais. ediPUCRS. Porto Alegre, 2019.
- MARTINI, M. R. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 50-65, 2018.
- MONROY, P.; ALMEIDA, J. de M. Ocupación artística Ouvidor 63: Arte y vida más allá de la norma. **ARQ**, Santiago, n. 104, p. 98-109, abr. 2020.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- NASCIMENTO, E. P. do. A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. **Rua**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 112-127, 2010.
- NASCIMENTO, E. P. do. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro. Ed. Aeroplano, 2009.
- PEREIRA, R. de P. Ocupar e resistir: uma reflexão sobre as ocupações culturais da

periferia leste de São Paulo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 19., 2018, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2018.

RIBEIRO, L. C; TUZZO, S. A. Jesus Martín Barbero e seus estudos de mediação na telenovela. **Comunicação e Informação**, v. 16, n. 2, p. 39-49, jul./dez. 2013.

RODELLA, Cibele Abdo. A intencionalidade da imagem fotográfica poética e da imagem fotográfica no jornalismo. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2., 2009, Londrina. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2009.

ROSA, C; NERI, B. Ocupação cultural na zona leste de SP é espaço de resistência periférica. **Ponte Jornalismo**. 1 de junho de 2019. Disponível em: <https://ponte.org/ocupacao-cultural-na-zona-leste-de-sp-e-espaco-de-resistencia-periferica/>

SANTOS, F. M. dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 383-387, mai. 2012. [Seção] Resenha. Resenha da obra de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

SILVA, L. L. da. **A literatura fora do lugar**: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TALARICO, P. Os dez anos de cobertura das periferias pela Agência Mural: Relato sobre a trajetória da Agência Mural desde 2010 na região metropolitana de São Paulo. **Revista Alterjor**, [S. 1.], v. 23, n. 1, p. 169-188, 2021.